

Ciro diz ser opção entre Lula e FHC

Eleição presidencial

Candidato do PPS enfrenta o obstáculo do desconhecimento

Rodrigo Mesquita, Ricardo Lessa e
Leonardo Souza
do Rio

O candidato à presidência da República pela coligação PPS-PL-PAN, ex-ministro da Fazenda, Ciro Gomes, aposta no crescimento de sua aceitação entre os eleitores que dizem votar no presidente Fernando Henrique Cardoso ou no candidato da frente de esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva, por falta de opção. Segundo ele, pesquisas indicam que cerca de 34% dos brasileiros se encaixam nessa situação.

Ciro entende que o fato de ser desconhecido por cerca de 70% da população é um dos principais obstáculos a ser vencido na campanha. "Eu tenho que construir meu nome junto à sociedade e mostrar que entre Fernando Henrique e Lula, há um candidato sério, com atributos biográficos públicos, como ter sido ministro da Fazenda e o governador com maior índice de aceitação do Brasil", diz ele, que foi prefeito de Fortaleza e governador do Ceará.

A queda nas pesquisas do candidato da frente de esquerda, depois de ter encostado em Fernando Henrique, não foi surpresa para o ex-ministro. Disse que era esperado o declínio de Lula. "Em maio, as pessoas tinham em mente um quadro bipolar. Estava claro que, dado um conjunto de hostilidades ao presidente, parte de seus votos iriam para Lula e, depois, em direção à anulação", contou.

Ciro diz que, enquanto não projetar sua candidatura, permanecerá de fora da "prateleira" dos candidatos. Em sua opinião, o pouco tempo que irá dispor no horário gratuito de televisão dois minutos e cinquenta segundos, não será muito problemático para tornar sua imagem conhecida. A maior barreira, diz, é mostrar à sociedade quem é o Ciro como homem público e o que já fez como ministro, governador e prefeito.

Sua possibilidade de êxito, diz, depende da densidade de seu pro-

grama. Ele defende a tese de que o Brasil acabará chegando a uma situação parecida com a da Argentina e a do México onde, segundo Ciro, esgotou-se o debate entre as correntes políticas tradicionais e candidatos de fora dos esquemas políticos locais tem se destacado. "Uma saída para o nacional desenvolvimentismo exaurido e o neoliberalismo perverso".

Para o ex-governador do Ceará, o presidente Fernando Henrique perdeu a condição política de encaminhar o Brasil a uma boa alternativa social e econômica em um segundo mandato, caso vença a eleição. Diz que em função de práticas fisiológicas, não poderá implantar medidas para reverter o quadro negro em que o País se encontra, o que lhe obriga a escolher entre o pior e ruim.

O governo deixou escapular das mãos a possibilidade de realizar uma reforma fiscal radical, que o permitisse conter os desequilíbrios nas contas públicas na opinião do candidato. "Se tivessem privatizado a Telebrás, a Eletrobrás e a Vale do Rio Doce nos seis primeiros meses do governo, teriam quitado a dívida

pública espetacularmente, para refazê-la em outro perfil", sustenta. "As estatais não só estavam com valor ótimo, como a dívida era pequena. Agora

estão desvalorizadas, e a dívida interna do setor público federal de R\$ 61 bilhões acumulada em quase 500 anos de história, passou para R\$ 342 bilhões". Ele atenta ainda para o fato de que essa dívida vence em 196 dias. O ex-ministro da Fazenda acredita que no melhor cenário, com a reeleição, haverá uma recessão brutal. No pior, diz, um ataque especulativo com todas "as consequências selvagens".

O ex-ministro não vê o neoliberalismo como um palavrão. Mas pa-

ra ele, no caso do Brasil, é impraticável a implantação do modelo. "Nossa base produtiva se ressentiu dos três elementos centrais de um 'global player': financiamento, em função dos juros estratosféricos; avanço tecnológico e escala de produção". Ele se diz social-democrata e condena o estado mínimo, o que considera uma "perversão social absoluta" para a realidade brasileira.

Sua posição ideológica se enquadra nas propostas do Partido Popular Socialista (ex-Partido Comunista Brasileiro), do senador Roberto Freire. Para Ciro, é um partido que evoluiu e se li-

vrou do dogmatismo marxista-leninista, mudança que convergiu com seu pensamento. "O meu itinerário é o oposto do adotado pelos políticos brasileiros. Sempre saí do poder para oposição. Era do PMDB quando Sarney assumiu e fui para o PSDB. E agora do PSDB para o PPS."

Um novo consenso de centro-esquerda para o Brasil é uma das bandeiras de Ciro. Para ele, o PSDB falhou nessa missão, tendo perdido a hegemonia moral e intelectual, ao permitir que o PFL a exercesse. "O PSDB perdeu a oportunidade de ouro de melhorar o Brasil".

Para ele, o debate político no Brasil está empobrecido. Resume-se ao caos que se instalaria no País se Lula ganhasse, afirmação com a qual ele não concorda e considera fascista, e a idéia de que Fernando Henrique acabará com os empregos, defendida pela esquerda.

Ciro acredita, no entanto, que mesmo o debate sendo "mesquinho", as propostas viáveis de governo é que balizarão a decisão do eleitor. O candidato deve chegar hoje a Fortaleza, onde participa do lançamento da candidatura da mulher, Patrícia Gomes, à Assembléia Legislativa pelo PPS. O primeiro comício oficial da campanha da chapa Ciro-Roberto Freire está marcado para amanhã em Sobral, a 230 quilômetros de Fortaleza, onde o irmão do candidato, Cid Gomes, é prefeito.

"O meu itinerário é o oposto do adotado pelos políticos brasileiros. Sempre saí do poder para oposição"

"Nossa base produtiva se ressentiu dos três elementos centrais: financiamento, avanço tecnológico e escala de produção"